

## **RASAL**

LINGÜÍSTICA

2025(1): 131-153

Recibido: 02.02.2024 | Aceptado: 16.07.2024

DOI: <https://doi.org/10.56683/rs251141>

### **RELAÇÕES ENTRE LEXICOGRAFIA E NEOLOGIA: CRITÉRIOS PARA A INTRODUÇÃO DE NEOLOGISMOS EM DICIONÁRIOS *ONLINE* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

### **RELACIONES ENTRE LEXICOGRAFÍA Y NEOLOGÍA: CRITERIOS PARA LA INTRODUCCIÓN DE NEOLOGISMOS EN DICCIONARIOS EN LÍNEA DEL PORTUGUÉS BRASILEÑO**

### **RELATIONS BETWEEN LEXICOGRAPHY AND NEOLOGY: CRITERIA FOR THE INTRODUCTION OF NEOLOGISMS IN ONLINE BRAZILIAN PORTUGUESE DICTIONARIES**

*Ieda Maria Alves*

*Universidade de São Paulo*

<https://orcid.org/0000-0002-1803-3615>

*Bruno Oliveira Maroneze*

*Universidade Federal da Grande Dourados*

<https://orcid.org/0000-0002-2821-9448>

#### **RESUMO**

Neste trabalho, procuramos verificar a inserção de um conjunto de neologismos em cinco dos mais importantes dicionários *online* do português brasileiro contemporâneo. Para essa análise, selecionamos neologismos que se difundiram no português brasileiro a partir da década de 1990, neologismos esses que consideramos representativos do período histórico estudado e que são ainda empregados contemporaneamente. Três dessas obras constituem versões *online* de dicionários previamente publicados em papel, considerados bastante representativos do português brasileiro: o *Grande Dicionário Houaiss*, o *Dicionário Caldas Aulete* e o *Dicionário Michaelis*. Outras duas obras apresentam apenas versões *online* e constituem trabalhos mais recentes, de menor tradição: o *Dicionário inFormal* (obra inteiramente redigida por usuários) e o *Dicio.com.br*. Para cada um dos dicionários analisados, verificamos a presença dos neologismos *hiperinflação* (e derivados), *tucano* (e derivados),

*peessedebismo/peessedebista*, *petismo/petista*, *fake* e *fake news* (estes últimos de difusão mais recente no Brasil), bem como a inserção de elementos morfológicos formadores de neologismos (o prefixo *super-* e os sufixos *-ismo* e *-ista*). Os resultados indicam que os dicionários com correspondente versão impressa aparentam ser mais criteriosos na inserção de neologismos; já os dicionários inteiramente *online* introduzem quantitativamente mais neologismos, embora pareçam menos rigorosos em seus critérios. Destacamos também que, para a inclusão de um neologismo nos dicionários, o critério da frequência deve ser aliado ao critério da sua relevância histórico-social.

PALAVRAS CHAVE: neologia; inclusão de neologismos em dicionários; dicionários *online*; lexicografia.

## RESUMEN

En este trabajo buscamos verificar la inclusión de un conjunto de neologismos en cinco de los más importantes diccionarios en línea del portugués brasileño contemporáneo. Para este análisis, seleccionamos neologismos que se generalizaron en el portugués brasileño a partir de la década de 1990, neologismos que consideramos representativos del período histórico estudiado. Tres de estas obras constituyen versiones en línea de diccionarios previamente publicados en papel, considerados bastante representativos del portugués brasileño: el *Grande Dicionário Houaiss*, el *Dicionário Caldas Aulete* y el *Dicionário Michaelis*. Las otras dos obras solo tienen versiones en línea y son más recientes, es decir, tienen menos tradición: el *Dicionário inFormal* (una obra íntegramente escrita por usuarios) y el *Dicio.com.br*. Para cada uno de los diccionarios analizados, verificamos la presencia de los neologismos *hiperinflação* ('hiperinflación') (y derivados), *tucano* ('tucán') (y derivados), *peessedebismo/peessedebista* ('ideología del PSDB' / 'partidario del PSDB'), *petismo/petista* ('ideología del PT' / 'partidario del PT'), *fake* y *fake news* (este último de más reciente difusión en Brasil), así como la inserción de elementos morfológicos que forman neologismos (el prefijo *super-* y los sufijos *-ismo* e *-ista*). Los resultados indican que los diccionarios con su correspondiente versión impresa parecen ser más cuidadosos a la hora de incluir neologismos; los diccionarios totalmente en línea introducen cuantitativamente más neologismos, aunque parecen menos rigurosos en los criterios empleados. Destacamos también que, para la inclusión de un neologismo en los diccionarios, se debe combinar el criterio de frecuencia con el criterio de su relevancia histórico-social.

PALABRAS CLAVE: neología; inclusión de neologismos en diccionarios; diccionarios en línea; lexicografía.

## ABSTRACT

In this work, we sought to verify the inclusion of a set of neologisms in five of the most important online dictionaries of contemporary Brazilian Portuguese. For this analysis, we selected neologisms that became widespread in Brazilian Portuguese from the 1990s onwards, which we consider representative of the historical period studied. Three of these works constitute online versions of dictionaries previously published on paper and are considered quite representative of Brazilian Portuguese: the

*Grande Dicionário Houaiss*, the *Dicionário Caldas Aulete* and the *Dicionário Michaelis*. The two other works only present online versions and are more recent, with less tradition: the *Dicionário inFormal* (a work entirely written by users) and the *Dicio.com.br*. For each of the dictionaries analyzed, we verified the presence of the neologisms *hiperinflação* (and its derivatives), *tucano* (and its derivatives), *peessedebismo/peessedebista*, *petismo/petista*, *fake* and *fake news* (the latter of more recent dissemination in Brazil), as well as the insertion of morphological elements that form neologisms (the prefix *super-* and the suffixes *-ismo* and *-ista*). The results indicate that dictionaries with a corresponding printed version appear to be more careful when inserting neologisms; fully online dictionaries introduce quantitatively more neologisms, although they seem less rigorous in their criteria. We also highlight that, for the inclusion of a neologism in dictionaries, the frequency criterion must be combined with the criterion of its historical-social relevance.

KEYWORDS: neology; inclusion of neologisms in dictionaries; online dictionaries; lexicography.

## 1. Introdução

As relações entre dicionários e neologia têm sido reconhecidas e enfatizadas por diferentes autores e, não raro, são citadas nas introduções de diferentes dicionários, sobretudo nas segundas ou posteriores edições de uma obra, uma vez que as novas edições de dicionários costumam incluir novas palavras, que representam os avanços da sociedade. Como exemplo, podemos citar a introdução da quarta edição do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Candido de Figueiredo: “esta quarta edição [...] registra pela primeira vez muitos centenares de vocábulos, colhidos uns em obras de escritores exemplares, e recebidos outros da linguagem falada de diferentes regiões de Portugal e do Brasil” (1925, p. V). Da mesma forma, a segunda edição do dicionário de Ferreira (1986, p. VIII) afirma em seu prefácio:

Oferecemos ao leitor a 2ª edição do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, atualizada, totalmente revista e 35% mais copiosa que a primeira. O número de autores e de obras citadas em abonações elevou-se, respectivamente, a cerca de mil e duas mil. Novos colaboradores, e novas matérias, como, por exemplo, Informática, Teoria Literária, Comunicação, Genética, foram introduzidas.

No entanto, os critérios para a introdução de unidades lexicais novas, ou neologismos, não costumam ser claramente explicitados ou justificados, como também nem sempre as novas palavras foram bem acolhidas pelo público mais purista, em diferentes línguas. A esse respeito, um artigo do quebequense Jean-Claude Boulanger (1986, p. 9), notável estudioso da neologia, revela alguns fatos que, apontados para a língua francesa, mas possíveis de serem aplicados a outras línguas, como o português brasileiro, explicitam esse não acolhimento:

A relutância e a resistência observadas em relação à neologia entre a maioria dos usuários gerais e profissionais da língua também têm a sua razão de ser na injustificável e total ausência de pedagogia no que diz respeito à neologia. Raramente a criatividade lexical foi abordada de forma plena e saudável na universidade. Quanto ao nível pré-universitário, é melhor não se aventurar em investigá-lo. O vazio pedagógico é quase completo no mundo francófono, exceto por algumas tentativas teóricas parciais e esparsas. Não há nada sistematicamente organizado. A perspectiva histórica revela obviamente as várias razões mais ou menos admissíveis que justificariam um comportamento pedagógico conservador e tradicional, comportamento este sujeito a restrições ideológicas que muitas vezes não têm nada a ver com a linguística. Hoje, o estado atual das pesquisas científicas e do ensino universitário permite uma abertura que anuncia dias melhores. Com efeito, a sensibilização à neologia e às palavras novas é muito maior do que antes e essas pesquisas atraem cada vez mais pesquisadores e professores de calibre universitário. O futuro parece bastante positivo nesse aspecto. Idealmente, é desejável que o arsenal de meios de criação lexical seja disponibilizado aos estudantes da forma mais rápida e razoável possível. Um conhecimento mínimo dos mecanismos de formação de palavras é necessário, da mesma forma que se exige dos falantes a aprendizagem e o domínio de um mínimo de regras gramaticais. O purismo, uma lexicografia demasiado tradicional e uma pedagogia conservadora têm há muito impedido a neologia de se afirmar como um recurso linguístico de valor inegável para o enriquecimento da língua francesa. Felizmente, essas influências negativas foram hoje atenuadas e abrandadas, permitindo pressagiar um futuro não negligenciável para a neologia, que merece certamente adquirir o estatuto de disciplina linguística reconhecida.<sup>1</sup>

O tom otimista expresso por Boulanger, em relação à consideração mais positiva relativamente às criações lexicais, em períodos mais contemporâneos, pode ser aplicado ao contexto do português brasileiro. O desenvolvimento científico, as novidades tecnológicas, a comunicação pelas redes sociais, dentre outros fatores, ensejam novas criações por todos os falantes, demonstrando que a criatividade neológica não é restrita apenas aos falantes cultos, mas é praticada por todos os usuários de uma comunidade de fala.

Entendemos por neologismo uma unidade lexical considerada nova na língua em estudo, seja do ponto de vista de sua estrutura morfológica, seja do seu significado (como nos neologismos semânticos). No âmbito do projeto de pesquisa *Observatório de neologismos do português brasileiro contemporâneo* (TermNeo)<sup>2</sup>, o critério metodológico de identificação de neologismos baseia-se no emprego de um *corpus de exclusão* formado pelos principais dicionários do português brasileiro, prática bastante usual nos estudos de neologia.

Um neologismo poderá vir a integrar os dicionários, a depender de sua “dicionariabilidade” (em espanhol *dicionariabilidad*), conceito esse tratado por diversos autores que estudam o tema, tais como Bernal, Freixa e Torner (2020). Nesse estudo, os autores abordam diferentes critérios que têm sido usados para a inserção de novas unidades lexicais em um dicionário. Como critério costumeiramente utilizado, salientam a frequência, que apresentam como

critério básico segundo a opinião de vários autores. Referem-se ainda à complexidade desse critério, que não deve ser levado em conta isoladamente mas em correlação com outros, como o emprego em diferentes gêneros e a estabilidade de uso, bem como a extensão geográfica.

Em um trabalho anterior, Sánchez Manzanares (2013) propõe o estabelecimento de uma variável, o valor neológico, para mensurar a integração ou não-integração de novas unidades lexicais em um dicionário. Essa variável está sujeita à condição de difusão do uso da nova unidade lexical e deve conjugar-se com outra, também importante, que é representada pela necessidade denominativa.

Neste artigo, com base nos principais dicionários *online* do português brasileiro, procuramos identificar os critérios relativos à inserção de novas unidades lexicais em suas nomenclaturas. Escolhemos para análise cinco dicionários, que consideramos os mais importantes dentre os disponíveis *online* atualmente. As obras analisadas são de diferente natureza. Três delas constituem dicionários tradicionais, que também apresentam versão em papel: *Grande Dicionário Houaiss* (GDH), *Dicionário Caldas Aulete* (AUD), *Dicionário Michaelis* (MDB). Já o *Dicionário informal* (DIF) e o *Dicio.com.br* (DCB) são obras com história recente, que não apresentam versões impressas. Os neologismos estudados foram buscados nos dados identificados no âmbito do já citado Projeto TermNeo.

O artigo está dividido em quatro partes. Nesta primeira, de caráter introdutório, são apresentados os objetivos do estudo e alguns conceitos teóricos que embasam a discussão. A segunda parte é reservada à descrição da metodologia e dos neologismos escolhidos para a análise. Na terceira parte, descrevemos cada um dos dicionários analisados e verificamos a introdução de unidades lexicais de caráter neológico nessas obras. A quarta parte apresenta as conclusões.

## 2. Metodologia e descrição dos neologismos escolhidos

A metodologia utilizada neste trabalho implicou três critérios: o processo de formação neológica, a frequência e a representatividade das unidades lexicais selecionadas. Em função desses aspectos, selecionamos algumas unidades lexicais neológicas que se revelaram muito frequentes na base de dados do Projeto TermNeo. Além do critério da frequência, foram também consideradas as unidades lexicais neológicas mais representativas e indicativas de mudanças sociais importantes que ocorreram no período em que surgiram. Em outros termos, os neologismos estudados foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: alta frequência na base de dados, em comparação com a de outras unidades lexicais; importância da unidade lexical do ponto de vista social, no período abrangido; e unidades lexicais representativas de diferentes processos de formação neológica (derivação prefixal, derivação sufixal, neologismo semântico e estrangeirismo).

Essa importância do ponto de vista social relaciona-se aos estudos de Georges Matoré, lexicólogo francês que, na importante obra *La méthode en Lexicologie* (Matoré, 1953, p. 63-70), apresentou os conceitos de *mot-clé* (*palavra-chave*) e *mot-témoin* (*palavra-testemunha*), relativos à introdução de unidades lexicais inovadoras e relevantes, em um determinado período, para designarem as mudanças que vão ocorrendo em uma sociedade.

De acordo com Matoré (1953), é no âmbito de um *champ notionnel* (*campo nocional*) que podemos detectar as palavras-testemunhas de um período. Dentre os exemplos destacados pelo autor, citamos o nascimento da unidade lexical *magasin* (*loja*), representativa de uma nova concepção de comércio, pois implica o período –a partir de 1820-1925– em que os comerciantes passaram a comprar mercadorias diretamente dos fabricantes e a depositá-las e expô-las em um lugar fixo, denominado *magasin*. Matoré exemplifica as palavras-chave de um campo nocional, sempre numerosas, por meio de *bourgeois* (*burguês*), a palavra-chave principal, e das palavras-chave secundárias *prolétaire* (*proletário*) e *artiste* (*artista*).

Com base nessa perspectiva social apresentada por Matoré, diferentes estudos têm procurado detectar as unidades lexicais mais representativas de um determinado período da sociedade, a exemplo do estudo recente de Jacquet-Pfau e Kacprzak (2022), que identifica algumas palavras-testemunhas relativas à pandemia do coronavírus em um estudo contrastivo francês-polonês, tais como *coronanxiété*, *coronaphobie*, *covidisme*, *covidisé*, etc.

No âmbito de nosso estudo, selecionamos algumas unidades lexicais, presentes na base de dados do Projeto TermNeo e observadas a partir de 1993, que foram ou ainda são bastante representativas da sociedade brasileira, constituindo-se, assim, em palavras-testemunhas. São elas:

- a. *hiperinflação* (derivado prefixal) e seus derivados (*hiperinflacionário/-a*, *hiperinflacionado/-a*): característicos do momento político-econômico vivido no Brasil sobretudo no início da década de 1990, que se refere à inflação do período, por vezes superior a 80% ao mês:<sup>3</sup>
- (1) A inédita tolerância brasileira com a inflação e a desigualdade social é examinada de forma competente. O livro escancara as ineficiências, as injustiças sociais e a concentração de renda engendradas por políticas desenvolvimentistas, cujo esgotamento nos conduziu ao processo *hiperinflacionário* do período que vai de 1987 a 1994. (*Veja*, 01-12-1999)
- b. *tucano/-a* (neologismo semântico – 149 ocorrências no *corpus*) e derivados, não raro pejorativos (a exemplo de *tucanada* – 4 ocorrências, *tucanagem* – 2 ocorrências, *tucanaiada* – 1 ocorrência, *tucanilha* – 3 ocorrências, *tucanália* – 2 ocorrências, *tucanão* – 2 ocorrências, *tucanato* – 102 ocorrências, *tucanês* – 3 ocorrências): originalmente designativo do nome de uma ave típica da fauna brasileira<sup>4</sup>, *tucano* passa também a referir-se ao partido político Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que tem essa ave como símbolo. Os políticos membros do partido (um dos partidos de maior importância no Brasil desde 1980) são os *peessedebistas* (2 ocorrências no *corpus*), membros do *peessedebismo*, porém, mais comumente, são chamados de *tucanos*:
- (2) Em uma tentativa de fortalecer a candidatura, o presidente nacional do PSDB, Tasso Jereissati, anunciou a formação de um conselho *tucano*-pefelista para dar um rumo à campanha. (*Época*, 27-05-2006)
- c. *petismo* (6 ocorrências no *corpus*), *petista* (2 ocorrências no *corpus*) (derivados sufixais): referentes ao Partido dos Trabalhadores (PT), um dos mais importantes partidos políticos brasileiros da atualidade (desde 1980):

- (3) Com o auxílio do ex-ministro Henrique Hargreaves, o presidente conseguiu convencer seu antecessor de que ele estava sendo usado pelo malufismo e pelo *petismo* (*IstoE*, 15-01-1997)

d. *fake* (10 ocorrências no *corpus*), *fake news*: o anglicismo *fake* já é atestado na base de dados do projeto TermNeo desde 1993, com o sentido de ‘falso, falsificado, fabricado, não natural’, conforme atesta a citação:

- (4) Zelo maior orientou a pesquisa de fontes iconográficas, levando parte da equipe coordenada por John Muskier e Ron Clements a reeducar seus olhos em pinturas vitorianas, miniaturas persas e caligrafia árabe. O que não impediu a prevalência de um charmoso clima *fake*, bem hollywoodiano, bem anos 40 (*Folha de S. Paulo*, 20-06-1993)

Mais recentemente, sobretudo a partir da década de 2010, passou a ser empregado na forma sintagmática *fake news*, em escala mundial, inclusive no Brasil, para se referir a informações falsas divulgadas como sendo notícias verdadeiras, com objetivos fraudulentos:

- (5) Apesar de parecer recente, o termo *fake news*, ou notícia falsa, em português, é mais antigo do que aparenta. Segundo o dicionário Merriam-Webster, essa expressão é usada desde o final do século XIX. O termo é em inglês, mas se tornou popular em todo o mundo para denominar informações falsas que são publicadas, principalmente, em redes sociais. (<https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>) Consulta em: 21-01-2024)

Dessa forma, essas unidades lexicais, neológicas no período em que foram inicialmente empregadas, são representativas de um período da história brasileira e exemplificam o conceito de palavra-testemunha, de acordo com a concepção de Matoré (1953). Além dessas, os dados do projeto TermNeo possibilitaram também a identificação de alguns dos formantes afixais mais empregados na criação neológica do português brasileiro, dentre os quais os mais frequentes foram selecionados para a verificação de sua presença ou ausência nos dicionários analisados. São eles:

a. *super-*, o prefixo mais frequente na formação de neologismos no português brasileiro contemporaneamente, segundo os dados do mencionado projeto (Alves, 2007), é definido pelo *Dicionário Houaiss* como prefixo culto e originário da preposição e advérbio latino *super* (‘sobre, em cima de, por cima de; além de, acima de; durante; a respeito de, por causa de, por meio de; em cima, por cima; além disso; sobremodo, demais’).<sup>5</sup>

No português brasileiro, o prefixo tem formado substantivos, adjetivos e também alguns verbos e advérbios, como atesta o *Dicionário Houaiss*, que registra substantivos (*supercampeonato*, *supercélula*, *supermãe*, *supermortalidade*), adjetivos (*superdesenvolvido*, *super-humano*, *supermoderno*) e também verbos (*superdimensionar*, *superexcitar*, *superfaturar*, *superoxidar*) e advérbio (*superbém*). Os dados do projeto TermNeo atestam também essas diferentes formações, dentre as quais se destacam as nominais, do ponto de vista quantitativo, mas são igualmente observados alguns verbos e mesmo um advérbio, conforme exemplificamos a seguir:

- (6) Ou ainda, como diria Luana Piovani, essa *superpizza* é *supermoderna* mas *superacho* que ela também é *supercaída*. (*O Globo*, 05-11-2000)
- (7) Queremos formar um fã-clube do Baba Cômica, pois, além de serem uns gatos, os rapazes do conjunto trabalham *superbem*. (*O Globo*, 07-04-1996)

Do ponto de vista do significado, observa Rio-Torto (1987, p. 366) que *super-*,

[...] quando se agrega a substantivos, tende a assumir valor atributivo, de natureza dimensional (*supermercado* ‘mercado de grandes dimensões; mercado grande’; *maxi-*, *mini-*) e/ou qualificante (*super-idéia*). Quando se combina com adjetivos ou com verbos, o prefixo assume valor adverbial: *hipergrande* ‘muitíssimo, imensamente, excessivamente xb’.

Os exemplos apresentados atestam esses diferentes valores: em *superpizza*, o prefixo atribui o caráter de grande dimensão ao substantivo *pizza* = ‘pizza muito grande’; o prefixo assume valor adverbial nos adjetivos *supermoderna* e *supercaída* (‘muito, imensamente moderna’ e ‘muito, imensamente caída’), assim como no verbo *superacho* (‘acho muitíssimo’).

*b. -ismo, -ista*: constituem dois dos sufixos mais frequentes do português brasileiro. O sufixo *-ismo* apresenta, em geral, o significado de ‘movimento social, ideológico; doutrina; etc.’, enquanto o sufixo *-ista* tem, entre outros, o significado de ‘partidário de movimento ou doutrina’. Não raro integram unidades lexicais correlacionadas, a exemplo das que observamos, no contexto a seguir –*anti-sincretismo* e *anti-sincretista*–, que significam, respectivamente, ‘posição contrária à fusão de diferentes cultos’ e ‘aquele que é contrário à fusão de diferentes cultos’:

- (8) Mãe Stella, mãe-de-santo do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, foi uma das primeiras a dar seu apoio ao *anti-sincretismo*. Ela afirma que o uso de imagens católicas no terreiro é profanação. “Sincretismo é resquício da escravatura”, diz. “Não precisamos disso.” A maior dificuldade dos que desejam um retorno às origens africanas é fazer com que a idéia chegue à massa dos adeptos. Isso porque no candomblé não existe comando central. Cada pai ou mãe-de-santo é papa em seu próprio terreiro - estima-se que haja 2.000 apenas em Salvador. Ou seja, diferentemente do que acontece na igreja católica, não é possível estabelecer uma lei que valha em todo lugar. O trabalho dos *anti-sincretistas* tem de ser de convencimento, quase de doutrinação. (*Veja*, 01-03-2000)



### 3. Descrição e análise dos dicionários

#### 3.1. *Grande Dicionário Houaiss [GDH]*

Trata-se da versão *online* do *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss; Villar, 2001). Lemos, na apresentação do dicionário, que essa edição, denominada *Grande Dicionário Houaiss*, “é fruto de onze anos de revisão e incorporação de novos dados ao primeiro conjunto de textos lançado em 2001. Nela o campo dos significados foi consideravelmente apurado quanto à sua exatidão e clareza”. O texto introdutório também refere que, relativamente à primeira edição,

centenas de milhares de alterações foram introduzidas em todos os elementos componentes do dicionário, das definições às transcrições fonéticas, das datações à bibliografia de suas fontes, da incorporação aos verbos das partículas mais usuais de suas regências à revisão das etimologias e das entradas de elementos mórficos, da inclusão ou modificação de informações nas homônimas e parônimas à revisão do léxico e das descrições específicas de diversas especialidades científicas e técnicas, como a biologia, a ecologia, a física, a astronomia, a informática, a zoologia, a botânica etc., pela considerável dinâmica que seus termos e conceitos, em rápida expansão, apresentam no mundo de hoje.

O *Grande Dicionário Houaiss* constitui uma obra referencial da lexicografia brasileira contemporânea. Em relação aos neologismos analisados, essa obra registra a maior parte deles. Registra *hiperinflação* (inclusive com uma segunda acepção na medicina, remetendo para *hiperventilação*) e *hiperinflacionário/-a* (mas não *hiperinflacionado/-a*), porém sem referência ao momento histórico da década de 1980 no Brasil. Também inclui *peessedebismo* e *peessedebista*, *petismo* e *petista*, derivados a partir de siglas. No entanto, não registra a acepção política de *tucano* nem nenhum de seus derivados, sendo a única obra dentre as analisadas aqui que apresenta essa lacuna.

O *Grande Dicionário Houaiss* também registra o estrangeirismo *fake news*, remetendo para o verbete *desinformação*. No entanto, não apresenta o adjetivo *fake*.<sup>6</sup>

Os verbetes dos elementos mórficos *super-* e *-ismo* são muito detalhados e ricos em exemplos. O verbete *super-* traz uma explicação a respeito de sua origem e seus empregos, mas poucos exemplos neológicos. Ao pesquisar palavras iniciadas por *super-*, foi possível identificar algumas palavras de criação recente que esse dicionário já registra, tais como *superbactéria*, *superbike*, *supercampeão*, *supercampeonato*, *supercélula*, *supergrande*, *supermoderno/-a*, *superplástico/-a* (adjetivo), *supersafra*, *supersecreto*, *supervaidade*, *supervaidoso/-a*.

O verbete *-ismo* também apresenta a explicação sobre sua origem e seus empregos, inclusive sua correlação com *-ista* e *-ístico*. Ao final, traz mais de trinta linhas de exemplos, bem mais do que o de *super-*, mas nem todos neológicos. Alguns deles: *getulismo*, *peronismo*, *puxa-saquismo* etc. Já o verbete *-ista* apenas remete para *-ismo*, sem nenhuma exemplificação.

Assim, pode-se observar que o *Grande Dicionário Houaiss* apresenta preocupação com a descrição de elementos mórficos e também se mostra atualizado ao registrar *fake news*, neologismo de difusão recente no Brasil. Porém, surpreende o fato de um dos mais importantes dicionários brasileiros não registrar a acepção política de *tucano*, neologismo largamente difundido na imprensa brasileira já há algumas décadas.

### 3.2. Dicionário Aulete (AUD)

Inicialmente publicado em Portugal no final do século XIX, em dois volumes (com autoria póstuma do filólogo Francisco Caldas Aulete e completado por António Lopes dos Santos Valente), e depois com a primeira edição brasileira em 1950 (organizada por Hamílcar de Garcia), em cinco volumes, o *Dicionário Caldas Aulete* apresentou, em 2004, uma versão míni com dados atualizados, que foi um dos dicionários selecionados para serem distribuídos em turmas de ensino fundamental em escolas públicas brasileiras. Uma primeira versão informatizada foi apresentada na Internet em agosto de 2007, para cuja ampliação o público foi convidado a colaborar. Em outubro do ano seguinte, foi lançada a primeira versão web, denominada *idicionário Aulete*, com acesso livre a todos os interessados. Segundo os dados disponíveis em seu site, o dicionário apresenta mais de 818 mil verbetes, definições e locuções em permanente atualização.

De forma bastante original e útil, o dicionário permite que o usuário consulte a versão anterior do verbete, idêntica à edição impressa de 1950 (obviamente, apenas para os casos em que há essa versão, não estando disponível no caso dos verbetes incluídos mais recentemente). Como exemplo, observe-se o caso de *polaca*, que, na sua versão original, apresenta a acepção ‘Meretriz estrangeira’, acepção essa que, no verbete atualizado, já está acompanhada da rubrica “antiquado” (visto se tratar, evidentemente, de acepção já não mais usada):

Verbete Atualizado

Verbete Original

## polaca

**polaca** <sup>1</sup> s. f. || (mar.) embarcação de três mastros de velas latinas, com a proa muito prolongada e aguda; polacra. [E muito comum no Mediterrâneo.] || Vela que serve como de estai do traquete, e apenas se iça em ocasião de temporal ou quando se capela. F. hol. *Polaaak*.

**polaca** <sup>2</sup> || s.). espécie de dança e música correspondente nacional da Polônia; polonesa: As polacas de Chopin. || (Bras.) (pop.) Meretriz estrangeira. F. fem. de *Polaco*.

Figura 1. Verbetes *polaca* original no dicionário *Aulete Online*

Verbetes Atualizado	Verbetes Original
<b>polaca</b>	
2. <b>Danç.</b> Dança polonesa, de andamento moderado e caráter pomposo	
3. <b>Mús.</b> Música para essa dança	
4. <b>Vest.</b> Casaco de senhoras, largo e comprido	
5. <b>Bras. Pej. Pol.</b> Designação dada à Constituição do Brasil promulgada em 10 de novembro de 1937, durante o Estado Novo	
6. <b>Bras. Antq. Vulg.</b> Meretriz: <u>as polacas da rua do Ouvidor</u>	
[F.: Fem. de <i>polaco</i> ]	

Figura 2. Verbetes *polaca* atualizado no dicionário *Aulete Online*

Quanto aos registros dos neologismos analisados, o AUD registra tanto *hiperinflação* quanto os derivados *hiperinflacionário/-a* e *hiperinflacionado/-a* (sendo o único, dentre os analisados, que registra este último derivado), também sem fazer referência aos fatos históricos no verbete.

Em relação a *tucano*, registra duas acepções, de números 7 e 8: “7. Bras. Pol. Ref. ao ou do PSDB (ideologia *tucana*). 8. Bras. Pol. Que é membro do PSDB: *Deputada tucana nega quebra de decoro*.” Obviamente, por serem neológicas, quando se clica no “verbetes original” para *tucano*, essas acepções não estão presentes.

Não constam derivados como *tucanês*, *tucanismo* ou *tucanalha*, mas há *tucanar*, definido como “Tornar(-se) partidário dos tucanos, membros do PSDB, partido político brasileiro”. Já os neologismos *peessedebismo* e *peessedebista* não estão registrados, mas há *petismo* e *petista*, talvez porque esses dois últimos sejam de fato mais empregados do que os dois primeiros.

Também não registra nem *fake* nem *fake news*, possivelmente por serem neologismos de difusão mais recente no Brasil, observando-se, assim, que as atualizações nem sempre acompanham a difusão das novas unidades lexicais e das novas acepções.

Em relação aos prefixos, registra *super-*, como “verbetes original” (ou seja, idêntico à versão impressa anterior, sem atualizações), sem nenhum exemplo de neologismos formados com esse prefixo. Como não há o acesso à nomenclatura completa do dicionário, não é possível a verificação do registro de outros derivados com *super-*.

Já em relação ao sufixo *-ismo*, o dicionário apresenta um verbete atualizado e trazendo numerosos exemplos (nem todos de conhecimento do público contemporâneo), tais como *aciolismo*, *getulismo*, *salazarismo* (na política), e outros mais contemporâneos, como *esqueitismo* (no esporte), *umbandismo* (na religião) etc. No caso de *-ista*, o verbete também é atualizado, mas com menos exemplos, nenhum deles de caráter propriamente neológico.

Fica evidente que o AUD procura manter-se atualizado, conforme se observa pelo registro de *tucano* (com o derivado *tucanar*) e de *petismo/petista*. Também se nota certa preocupação em atualizar os verbetes dos sufixos *-ismo* e *-ista*. Porém, observa-se que foi dada maior atenção a certos aspectos (especialmente a política das décadas de 2000 e 2010) e menor a outros (como a ausência de *fake news* e a falta de atualização no caso de *super-*).

### 3.3. *Michaelis (MDB)*

Também é a versão *online* de um dicionário impresso, o *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*, publicado pela editora Melhoramentos em 1998. A versão *online* está disponível gratuitamente e, segundo o texto de apresentação, foi finalizada em 2015, com aproximadamente 167 mil verbetes.

Em relação à inserção de neologismos, o texto afirma:

Entre os novos vocábulos constam sugestões recebidas de consulentes, muitas através da campanha “O Português é seu”, em parceria com o UOL. Foram registrados termos que surgiram com o desenvolvimento das ciências e da tecnologia e novas palavras utilizadas nos mais variados meios de comunicação, além de regionalismos, coloquialismos e gírias. Importante registrar que a elaboração de verbetes das várias áreas de conhecimento contou com a assessoria de especialistas.

No que concerne aos neologismos aqui analisados, o MDB registra tanto *hiperinflação* (indicado como composto do grego *hyper* + *inflação*) como *hiperinflacionário/-a* (indicado como derivado de *hiperinflação* + *n* + *ário*), mas não *hiperinflacionar* ou *hiperinflacionado/-a*. Assim como nos demais casos, não há referência ao momento histórico de hiperinflação no Brasil.

Também registra a acepção política de *tucano* (“Que ou aquele que é político ou partidário do PSDB, partido que tem essa ave como símbolo”), bem como os seguintes derivados:

- a) *tucanar*: “Transferir-se para o partido dos tucanos (PSDB)”;
- b) *tucanada* — com duas acepções na política: “2 COLOQ Ato ou comportamento de tucano (político ou partidário do PSDB)” e “3 A classe dos tucanos (político ou partidário do PSDB)”;
- c) *tucanismo* — também com duas acepções: “1 Característica dos tucanos (político ou partidário do PSDB)”;
- “2 A ideologia dos políticos tucanos”.

Tanto a acepção de *tucano* como esses derivados são marcados com a rubrica “coloquial”. Com exceção do DIF, este é o dicionário que registra o maior número de derivados de *tucano* na acepção política.

Em relação aos derivados das siglas de partidos, o MDB também registra *peessedebismo* e *peessedebista* (aqui, com a rubrica “política”, e não mais “coloquial”). Interessantemente, registra *petista*, mas não *petismo*.

Os estrangeirismos *fake* e *fake news* não constam do MDB. Assim, pode-se concluir que a sua atualização não levou em conta as características mais recentes da língua. Essa ausência pode ser explicada pelo fato de que o dicionário afirma ter sido atualizado até o ano de 2015, visto que *fake news* passou a ter maior frequência em período mais recente. Também não registra entradas para elementos morfológicos, como o prefixo *super-* ou os sufixos *-ismo* e *-ista*. Como não é possível acessar a nomenclatura completa do dicionário, não pudemos identificar outros neologismos formados com esses elementos.

Ficou evidenciado que o MDB é bastante coerente no registro dos neologismos referentes a *tucano* e derivados e aos partidos políticos (com exceção de *petismo*). Conforme informado na apresentação, foi atualizado até 2015, não registrando *fake news*, que é de difusão posterior a essa data.

### 3.4. Dicionário informal (DIF)

O DIF é um dicionário totalmente *online* e de criação coletiva, idealizado para que qualquer pessoa possa incluir um verbete e uma definição. Dessa forma, por não haver curadoria de especialistas, as definições não seguem um padrão. É provavelmente inspirado no *Urban Dictionary*, dicionário da língua inglesa que tem a mesma proposta. Devido a essas características, pode incluir muitos neologismos considerados “da moda” ou às vezes pouco frequentes.

Talvez para se resguardar de processos judiciais, esse dicionário traz os nomes dos usuários que incluíram as definições, bem como as datas de inclusão. Essa última informação é particularmente interessante para o estudo dos neologismos.

O DIF também tem o recurso de permitir o acesso a toda a nomenclatura da obra, ao clicar nas letras abaixo da caixa de pesquisa, conforme se observa na figura 3:

The screenshot shows the interface of the DIF website. At the top, there is a search bar with the text "Di" and "buscar definições...". Below the search bar is a navigation bar with letters A through T. Underneath the navigation bar, there are links for "início", "enviar definição", "enviar imagem", "top 20", "+ novas", "visualize", "widgets", "android app", "contato", "pt", and "english". The main content area is titled "Letra C" and shows "62000 Palavras com a letra C". There are social media sharing icons for WhatsApp, Telegram, Twitter, Facebook, and YouTube, along with a counter showing "0". Below this, there is a list of words starting with 'C' arranged in three columns:

ç	caacala	caaboi
c pa	caacambu	caaoibitinga
c pá	caacambuí	caaopiá
c x b	caáchira	caapara
c-47	caacica	caapeba
ç-ç	caacó	caapená
ç.ç	caachu	caapeno
c.c	caacuí	caapepena
c.i.s.a.m.t.	caaeé	caapéua
c.l.t	caaeê	caapeva
c.o.	caaguaçu	caapi
c.r.e.	caaguaçuba	caapiá
c1e3g507	caaguaçuense	caapiá-açu
ç2	caaguará	caapiá-do-grande
c2c	caaila	caapiá-do-rio-grande
- .	-----	-----

Figura 3. Início da lista de verbetes com a letra C no Dicionário inFormal

Curiosamente, aparecem no dicionário também alguns registros de formas flexionadas, tais como verbetes para *sabia* (definido como “Primeira pessoa do Pretérito imperfeito do indicativo do verbo saber”), *saberão* (definido como “Flexão de saber. Que vão saber, ser informados, conhecidos”) etc.

Assim, não é propriamente uma obra em que é possível analisar os critérios adotados, visto que o único critério é o desejo dos usuários de incluírem determinado verbete. No entanto, o interesse na obra é verificar se determinado neologismo foi sentido pelos falantes como “merecedor” de uma definição.

É muito comum, nesse dicionário, encontrarmos duas ou mais definições sinônimas, de modo que a existência de mais de uma definição não indica necessariamente que a palavra é polissêmica. Isso se deve ao fato de que os usuários, ao adicionarem uma nova definição, nem sempre se preocupam em verificar se ela já foi incluída.

Assim, o DIF registra duas definições sinônimas para *hiperinflação*: 1. “Aumento muito rápido dos preços de um país, provocando rejeição crescente da moeda” (inserida em 2008); e 2. “[Econ.] Inflação acentuada, com índices muito elevados ou fora de controle” (inserida em 2016). As duas definições trazem exemplos de uso, cujas fontes não são indicadas, mas podem fazer referência ao momento histórico vivido no Brasil:

The image shows a screenshot of the DIF (Dicionário de Inovações e Neologismos) website. At the top, there is a search bar with the text 'hiperinflação' and a magnifying glass icon. Below the search bar is a navigation menu with letters A through T. Underneath the menu are several utility links: 'início', 'enviar definição', 'enviar imagem', 'top 20', '+ novas', 'visualize', 'widgets', 'android app', 'contato', 'pt', and 'english'. The main content area features the title '2. Hiperinflação' in blue. Below the title, it says 'Significado de Hiperinflação Por Francisco Monteiro Fernandes (PA) em 11-11-2016'. There are social media icons for Facebook, Twitter, and a share icon. The definition is presented in a box: '[Econ.] Inflação acentuada, com índices muito elevados ou fora de controle.' Below the definition is a quote: 'Naquele momento, foi instituída a chamada ?âncora cambial?, pelo qual o dólar não podia subir acima de R\$ 1,32 - justamente pelo medo do impacto da alta do dólar nos preços em um país que tinha acabado de debelar a hiperinflação.' At the bottom of the entry, there are thumbs up and thumbs down icons with the numbers 2 and 0 respectively, and two circular icons for editing and sharing.

Figura 4. Verbetes *hiperinflação* no DIF

O DIF não registra os derivados *hiperinflacionário/-a* e *hiperinflacionado/-a*. Pode-se supor que os usuários não tenham sentido a necessidade de incluir os adjetivos, tendo em vista que o substantivo já está registrado.

Em relação aos neologismos ligados a partidos políticos, o DIF evidencia reflexões importantes. Aparecem três definições para *tucano* referentes ao PSDB:

Definição 3 (de 2010): “Indivíduo [sic] filiado ao PSDB”;

Definição 5 (de 2014):

Direitista, fascista, republicano, elitista afiliado ao PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), geralmente com ideologias menos humanistas, contrários à ideologia socialista e à [sic] favor de um regime de desigualdade social. Possui ideias muito semelhantes as [sic] dos nazistas, fascistas, republicanos, elitistas e são necessariamente parte da direita política.

Definição 6 (de 2016): “Integrante, filiado ou eleitor de políticos do PSDB”.

Assim, fica evidente que a definição 5, para além de apresentar o significado próprio do neologismo, aproveita o “espaço” do dicionário para trazer a sua própria opinião política a respeito do partido.

Essa característica de usar o dicionário como forma de protestar ou se manifestar politicamente é ainda mais evidente nos derivados. No verbete *tucanar*, há duas definições (de números 1 e 3, ambas de 2012) que informam que *tucanar* significa “roubar” (ou seus sinônimos), numa clara crítica política. Já a segunda definição (de 2011) traz a acepção empregada pelo humorista José Simão: “formular declarações fazendo com que o sentido das mesmas se tornem inócuas [sic], utilizando recursos dialéticos que vão do barroco mineiro ao rococó francês”. O humorista José Simão usa o verbo com esse sentido, aludindo ao discurso tergiversado característico de alguns políticos do PSDB.

Além de *tucanar*, são registrados no dicionário os seguintes derivados, todos eles com algumas de suas definições trazendo conteúdos de crítica política: *tucanato*, *tucanalha*, *tucanento*, *tucanismo*, *tucanista*. Há ainda vários outros derivados, alguns claramente inventados apenas como forma de crítica política, como *tucanistãoismo*, *tucanistãoista*, *tucanobolsominion*, *tucanobolsonarista*, *tucanopetismo*, *tucanopetista*, *tucanopetralha*, *tucanorrice* etc.

Curiosamente, as definições para *peessedebismo* e *peessedebista* já não trazem esse conteúdo de crítica política. Assim, *peessedebismo* traz a seguinte definição (de 2020): “Também chamado de tucanismo, é o conjunto das doutrinas e do pensamento político do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)”;

*peessedebista*, por sua vez, tem por definição (de 2008): “Pessoa ou grupo de pessoas que são filiados ao PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira)”. Dessa forma, pode-se perceber que os próprios usuários já atribuem a *peessedebismo* e *peessedebista* um sentido mais “neutro”, como se não fossem bons verbetes para se fazer crítica política.

O mesmo não se pode dizer de *petista*, que traz na sua primeira definição (de 2007) uma crítica política: “Bandido, canalha, ladrão, corrupto pertencente ao Partido dos que se dizem Trabalhadores [...]”. Da mesma forma, em *petismo* há diversas definições com críticas ferrenhas ao Partido dos Trabalhadores, das quais transcrevemos uma (de número 9, de 2007):

Modus vivendi (maneira de viver) de pessoas preguiçosas, sem caráter e que querem se dar bem às custas de outras. São burgueses parasitas do capital alheio. Fazem tudo para não perderem a mamata do poder.

O estrangeirismo *fake* está presente com nove definições, em todas associado à ideia de ‘falso’, em especial se referindo a perfis falsos em redes sociais (com exceção da definição de número 6, claramente redigida como forma de gozação: “fake dói” = “feio que dói”). A expressão estrangeira *fake news* também está registrada, sendo definida como “notícia falsa”; aparece ainda com a grafia *fakenews*, mas nesse caso há, novamente, uma definição com crítica política: “tudo aquilo que vai de encontro aos interesses do PT”.

Em relação aos elementos mórficos, interessantemente, o DIF registra um verbete para o sufixo *-ismo*, definido como “sufixo formador de substantivos abstratos (ex.: alcoolismo, liberalismo)”, mas não para *-ista*.

Já em relação a *super*, há quatro definições para esse verbete, mas três delas se referem ao mesmo sentido (o que mostra novamente que os usuários incluem verbetes sem verificar se já não há outros para as mesmas acepções). Assim, uma das definições é “Palavra que define capacidades especiais de seres humanos”, dando os exemplos de “super man”, “super heróis”; as outras três apenas trazem *super* correspondendo a um sinônimo de “muito”, com exemplos como “super fofos”, “super lindo”. Isso parece indicar que, pelo menos nessas acepções do prefixo, os falantes tendem a considerá-lo não como um prefixo, mas como uma forma livre.

Como é possível verificar a nomenclatura completa do dicionário, observou-se que há várias entradas neológicas com *super-*. Algumas delas são: *super à pampa* (expressão idiomática), *super hétero*, *superabençoado*, *superatrasado*, *superbactéria*, *superendividar*, *supermoléculas* etc.

O DIF, como já mencionado, não apresenta nenhum tipo de curadoria em relação aos seus verbetes. Assim, se é possível falar em “critério”, parece haver a tendência de os usuários inserirem neologismos e definições como forma de protestar politicamente, em especial relativamente aos derivados. Por exemplo, mesmo que *tucano* seja definido como sinônimo de *peessedebista*, os derivados *tucanar*, *tucanalha* etc. já apresentam carga de protesto. Assim, nota-se a presença de diversos neologismos de caráter político. No caso de neologismos sem tanta carga política recente, como *hiperinflação*, não se nota essa necessidade de protestar.

### 3.5. *Dicio.com.br* (DCB)

O *Dicio - Dicionário Online do Português* informa, em seu *website*, tratar-se do “maior e mais completo dicionário on-line de português contemporâneo”.<sup>7</sup> Apesar de ser mantido por uma empresa portuguesa (a empresa 7Graus, com sede no Porto), apresenta suas definições e todos os textos do *website* escritos em português brasileiro. Em relação ao número de verbetes, em vez de trazer um número exato ou aproximado, informa apenas que “é composto por uma infinidade de palavras que, tendo em conta a evolução da língua e da sociedade, são atualizadas diariamente”. Não é informado o tipo de unidades lexicais que registra, de modo que se fazem necessárias consultas mais minuciosas para se chegar a essas informações.



No verbete *hiperinflação* (definido como “Inflação monetária vertiginosa”), o DCB traz exemplos extraídos do jornal *Folha de S. Paulo*, que fazem referência à hiperinflação vivida na década de 1980, bem como a situações semelhantes em outros países. Assim, é o único dos dicionários analisados que traz uma referência clara e explícita ao momento histórico do qual *hiperinflação* pode ser considerada uma palavra-chave. No entanto, não registra os derivados *hiperinflacionário/-a* e *hiperinflacionado/-a*.

Em relação a *tucano*, além das acepções referentes à ave e ao povo indígena, essa unidade lexical é registrada apenas como adjetivo, com a definição “[Política] Que se refere aos tucanos, membros do partido político PSDB” e uma segunda acepção “Associado a esse partido”. Também traz exemplos extraídos do jornal *Folha de S. Paulo*, todos se referindo à acepção política. No entanto, não registra nenhum derivado referente a essa acepção.

O DCB não registra nem *peessedebista* nem *peessedebismo*. Ao pesquisar por *peessedebista*, o *website* encontra um parônimo e indaga ao usuário: “Será que quis dizer peemedebista?” (com o link para o verbete sugerido). A pesquisa por *peessedebismo* remete, da mesma forma, aos parônimos *pessebismo* (do PSB) e *petebismo* (do PTB). Assim, é possível identificar que o DCB registra outros derivados de siglas de partidos, inclusive de partidos com menor projeção do que o PDSB.

Também registra *petista* (com a definição “Tudo que pode estar vinculado ao Partido dos Trabalhadores”), mas não *petismo*.

O estrangeirismo *fake* aparece registrado com a rubrica “Neologismo”, com duas acepções: “De teor mentiroso, não genuíno nem verdadeiro; falso: notícias fakes”; “Que dissimula suas reais intenções ou se mostra de uma maneira que não é; mentiroso: pessoa *fake*”. No mesmo verbete, o dicionário inclui como subentrada a expressão *fake news*: “Expressão do inglês que significa literalmente notícias falsas: candidato insiste em espalhar *fake news* sobre seus adversários políticos”. Ao contrário dos verbetes mencionados anteriormente, aqui não há exemplos extraídos da imprensa.

Contudo, a expressão estrangeira *fake news* aparece duas vezes nessa obra. Para além dessa subentrada em *fake*, também é registrada como entrada independente, com a seguinte definição:

Notícias falsas ou informações mentirosas que são compartilhadas como se fossem reais e verdadeiras, divulgadas em contextos virtuais, especialmente em redes sociais ou em aplicativos para compartilhamento de mensagens.

Há também um comentário, em seguida: “O termo *Fake News*, embora largamente usado, ainda não foi formalmente integrado à lista de palavras da Língua Portuguesa, tratando-se portanto de um estrangeirismo”.

O DCB não apresenta verbetes para os sufixos *-ismo* ou *-ista*. Já no caso de *super-*, há, sim, um verbete para o prefixo: “Prefixo que indica acima ou excesso; que ocupa uma posição superior; que demonstra proeminência, superioridade: super-humano”, com a informação gramatical “[Gramática] Acrescenta-se o hífen quando o segundo elemento se iniciar por *h* ou *r*: super-herói, super-realista”.

Ao contrário do DIF, não é possível acessar a lista completa da nomenclatura do dicionário, o que impossibilita a verificação de todos os verbetes com *super-*. Ao digitar parte do verbete pesquisado, o dicionário traz uma lista de alguns dos verbetes iniciados com

o trecho digitado, de modo que, ao digitar SUPERA-, SUPERB-, SUPERC- etc., é possível verificar a inclusão de alguns verbetes com *super-*, tais como *superbomba*, *superdose*, *superherói*, *supermodelo*, *superpoder*, *superstar*.

Dessa forma, em relação ao DCB, observou-se que há certa incoerência ao registrar *pessebismo* e *petebismo* mas não *petismo* nem *peessedebismo*; a mesma incoerência há em registrar *petista* e *peemedebista* mas não *peessedebista*. Talvez haja um critério, não explicitado, ligado à frequência, visto que *peessedebista* é menos utilizado do que seu quase-sinônimo *tucano*.

Observa-se a preocupação em registrar *fake news* com uma definição muito atual e até mesmo com um exemplo ligado ao contexto das eleições; mas informações diferentes são encontradas em dois verbetes separados (um como entrada *fake news* e outro como subentrada de *fake*), o que parece indicar uma falta de uniformização.

No caso de *hiperinflação* e de *tucano*, há muitos exemplos extraídos do jornal *Folha de S. Paulo*, mas o mesmo não acontece nos outros casos. Não se sabe qual é o tipo de relação entre o dicionário e o jornal, mas talvez a presença frequente de certos neologismos nesse jornal pode ter levado as autoras a incluí-los.

Observa-se também que não há uma sistematização na inclusão de elementos morfológicos: inclui-se o prefixo *super-* mas não os sufixos *-ismo* e *-ista*.

No Quadro 1 a seguir, apresenta-se um resumo das informações sobre a inclusão de neologismos nos dicionários analisados:

Dicionário	<i>hiperinflação</i>	<i>tucano</i>	<i>peessedebismo/-ista</i>	<i>petismo/-ista</i>
GDH	Registra <i>hiperinflação</i> e <i>hiperinflacionário/-a</i> , mas não <i>hiperinflacionado/-a</i>	Não registra	Registra	Registra
AUD	Registra <i>hiperinflação</i> , <i>hiperinflacionário/-a</i> e <i>hiperinflacionado/-a</i>	Registra <i>tucano</i> e <i>tucanar</i>	Não registra	Registra
MDB	Registra <i>hiperinflação</i> e <i>hiperinflacionário/-a</i> , mas não <i>hiperinflacionado/-a</i>	Registra <i>tucano</i> , <i>tucanar</i> , <i>tucanada</i> e <i>tucanismo</i> , com a rubrica “coloquial”	Registra	Registra <i>petista</i> , mas não <i>petismo</i>
DCB	Registra <i>hiperinflação</i> mas não <i>hiperinflacionário/-a</i> ou <i>hiperinflacionado/-a</i>	Registra <i>tucano</i> , mas nenhum derivado	Não registra	Registra <i>petista</i> , mas não <i>petismo</i>
DIF	Registra <i>hiperinflação</i> mas não <i>hiperinflacionário/-a</i> ou <i>hiperinflacionado/-a</i>	Registra <i>tucano</i> e inúmeros derivados, como <i>tucanar</i> , <i>tucanato</i> , <i>tucanalha</i> etc.	Registra, com definições muitas vezes em tom de sátira e gozação	Registra, com definições muitas vezes em tom de sátira e gozação

Dicionário	<i>fake, fake news</i>	<i>super-</i>	<i>-ismo</i>	<i>-ista</i>
GDH	Não registra	Registra o prefixo e diversos derivados	Registra o sufixo e diversos derivados	Registra o sufixo e diversos derivados
AUD	Não registra	Registra o prefixo, sem exemplos	Registra o sufixo, com vários exemplos de neologismos	Registra o sufixo, mas sem muitos exemplos de neologismos
MDB	Não registra	Não registra verbetes para afixos	Não registra verbetes para afixos	Não registra verbetes para afixos
DCB	Registra tanto <i>fake</i> quanto <i>fake news</i>	Registra um verbo para o prefixo e também alguns neologismos, como <i>superbomba</i> , <i>superdose</i> , <i>superpoder</i> etc.	Não registra verbo para o sufixo	Não registra verbo para o sufixo
DIF	Registra tanto <i>fake</i> quanto <i>fake news</i>	Registra verbo para o prefixo	Registra verbo para o sufixo	Não registra verbo para o sufixo

Quadro 1. Inclusão de neologismos nos dicionários analisados

#### 4. Discussão e considerações finais

Para abordar os critérios de inclusão dos neologismos nas obras analisadas, trazemos aqui o artigo de Bernal, Freixa e Torner (2020), que retoma os principais estudos sobre o assunto e afirma que o principal critério proposto é a frequência de uso, acrescido de questões formais, semânticas e documentais (em especial, a inclusão em outras obras lexicográficas). Nesse sentido, foi possível observar que, em primeiro lugar, todos os dicionários analisados se apresentam como atualizados. De fato, todos demonstraram ter registros de neologismos, em maior ou menor grau.

O dicionário que apresenta o maior número de neologismos registrados, em termos quantitativos, é o DIF, como já seria esperado, visto que é um dicionário que pode ser atualizado por qualquer usuário. Porém, observa-se, também como esperado, que essa atualização é feita sem critérios, muito mais por razões individuais de cada usuário, do que visando a uma coerência da obra. No caso dessa obra, talvez não caiba falar em critérios, mas sim em motivações que levam os usuários a querer incluir um verbete. Assim, a intenção de crítica e protesto político parece ser a principal motivação para a inclusão de neologismos como *tucano*, *petista*, *petismo* etc. por parte dos usuários.

À exceção do DIF, todos os demais indicam haver algum tipo de cuidado na seleção dos neologismos a integrarem as nomenclaturas das obras. Os dicionários GDH e DCB revelaram estar mais atualizados com a inserção do neologismo *fake news*, que se difundiu no Brasil principalmente a partir das eleições presidenciais de 2018. Já o MDB e o AUD podem ter tido suas últimas atualizações antes desse período.

Um critério que julgamos importante ser apontado (mas que não encontramos em outros trabalhos) é o da inserção de neologismos que integram uma espécie de “rede” semântico-formal, de modo que a inclusão de um não deveria ser feita sem a inclusão de outros. Por exemplo, se *petista* é incluído pelo critério da frequência, é desejável que *petismo* também seja, ainda que menos frequente. Nesse sentido, os dicionários nem sempre seguem esse critério. No caso do dicionário AUD, esse critério é respeitado em *peessedebista/peessedebismo*, mas não em *petista/petismo*. Da mesma forma, o DCB também registra *petista*, mas não *petismo* (tampouco o par *peessedebista/peessedebismo*).

O dicionário AUD, por sua vez, registra *petismo* e *petista*, mas não *peessedebismo* nem *peessedebista*, provavelmente pelo critério da frequência: o par *petismo/petista* parece ser de fato mais frequente do que *peessedebismo/peessedebista*. No entanto, aqui um novo critério pode ser apresentado para discussão, que poderíamos chamar de critério da palavra-testemunha (nos termos de Matoré), ou seja: seria desejável que neologismos indicativos de fatos sociais e políticos relevantes fossem incluídos nos dicionários, ainda que sua frequência possa não ser alta. Sendo o dicionário um produto da sociedade e que evolui conforme a evolução dessa mesma sociedade, julgamos que um critério como esse, de natureza mais social do que propriamente linguística, não pode ser ignorado. Nesse sentido, observa-se que o dicionário GDH buscou essa inserção, ao contrário do AUD.

Cabe também refletir sobre a ausência da aceção política de *tucano* no dicionário GDH, que é um dos mais criteriosos. Visto que essa aceção é recorrente e presente em todos os demais dicionários, a única razão que foi possível aventar seria que os

autores do dicionário a consideraram informal e/ou pejorativa, talvez fora da proposta de seriedade da obra.

Em relação aos verbetes dos elementos morfológicos aqui analisados, apenas os dicionários GDH e AUD incluem verbetes para todos eles. O MDB tem a coerência de não registrar nenhum elemento morfológico como entrada; já o DIF e o DCB não demonstram homogeneidade, ao registrarem verbete apenas para *super-*. O DIF revela também falta de homogeneidade ao registrar *-ismo* mas não o seu correlato *-ista*.

Causa certa estranheza o fato de o AUD não ter atualizado o verbete *super-*, visto que esse prefixo é ainda um dos mais empregados na formação de neologismos no português brasileiro atual. A atualização dos verbetes desse dicionário também parece não seguir muitos critérios, o que ainda pode ser estudado em pesquisas futuras.

Com esta breve pesquisa, procuramos entender alguns dos critérios que levam à inserção de neologismos nos dicionários *online* do português brasileiro. Seleccionamos um conjunto de neologismos que julgamos representativo da sociedade brasileira das últimas décadas e analisamos sua presença nos principais dicionários *online* atuais. Os dicionários que têm versão impressa correspondente aparentam ser mais criteriosos quanto à coerência na inserção de neologismos. Os dicionários inteiramente *online* (o DIF e o DCB) introduzem quantitativamente mais neologismos, o que os torna mais atualizados, embora pareçam menos rigorosos em seus critérios. Assim, espera-se que, cada vez mais, os dicionários tornem-se mais criteriosos na introdução de neologismos e procurem apresentar verbetes relacionados entre si de maneira mais homogênea, de modo a facilitar aos usuários a percepção das semelhanças e diferenças entre as unidades lexicais descritas.

## Notas

- <sup>1</sup> Tradução livre de: “La réticence et la résistance constatées envers la néologie chez la plupart des usagers généraux et professionnels de la langue tiennent aussi leur raison d’être dans l’absence injustifiable et totale de pédagogie à l’égard de la néologie. Rarement la créativité lexicale a-t-elle été abordée pleinement et sainement à l’université. Quant au niveau pré-universitaire, il vaut mieux ne pas s’aventurer à y enquêter. Le vide pédagogique est presque complet dans le monde francophone, si ce n’est quelques tentatives théoriques partielles et éparées. Il n’existe rien de systématiquement organisé. La perspective historique révèle évidemment les nombreuses raisons plus ou moins admissibles qui justifieraient un comportement pédagogique conservateur et traditionnel, comportement qui est soumis à des contraintes idéologiques qui n’ont souvent rien de linguistique. Aujourd’hui, l’état actuel des recherches scientifiques et de l’enseignement universitaire permet une ouverture qui annonce de meilleurs jours. En effet, la sensibilisation à la néologie et aux mots nouveaux est beaucoup plus grande qu’auparavant et ces recherches attirent de plus en plus de chercheurs et de professeurs de calibre universitaire. L’avenir paraît plutôt positif à cet égard. Idéalement, il est souhaitable que l’arsenal des moyens de création lexicale soit mis à la disposition des étudiants le plus rapidement et le plus raisonnablement possible. Une connaissance minimale des mécanismes de formation des mots est nécessaire, au même titre que l’apprentissage et la maîtrise d’un minimum de règles grammaticales sont exigés des locuteurs.

Le purisme, une lexicographie trop traditionnelle et une pédagogie conservatrice ont longtemps empêché la néologie de s'affirmer comme ressource linguistique d'une indéniable valeur pour enrichir la langue française. Heureusement, ces emprises négatives se sont aujourd'hui atténuées et temporisées, laissant présager un avenir non négligeable pour la néologie qui mérite certainement d'acquiescer le statut de discipline linguistique reconnue.”

- <sup>2</sup> O projeto TermNeo (<https://termneo.fflch.usp.br>) é sediado na Universidade de São Paulo e visa a descrever a neologia do português brasileiro, com base em materiais jornalísticos, a partir de 1993. Seguindo os princípios usualmente adotados nos trabalhos de neologia, as unidades lexicais neológicas são recolhidas e inseridas numa base de dados se encontradas em textos do período em que não estão dicionarizadas. Quando passam a ser dicionarizadas em alguma das obras integrantes do corpus de exclusão, não mais são consideradas neológicas e, portanto, deixam de ser recolhidas.
- <sup>3</sup> A **hiperinflação no Brasil** ocorreu entre os três primeiros meses de 1990. As taxas mensais de inflação entre janeiro e março de 1990 foram de 71,9%, 71,7% e 81,3%, respectivamente. Conforme aceito pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), a hiperinflação é definida como um período de tempo em que o nível médio de preços de bens e serviços aumenta mais de 50% ao mês. (Wikipedia - [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hiperinfla%C3%A7%C3%A3o\\_no\\_Brasil](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hiperinfla%C3%A7%C3%A3o_no_Brasil). Consulta em: 21-01-2024. Negritos no original.)  
O neologismo *hiperinflação* já estava dicionarizado por ocasião do início da construção da base de neologismos do projeto TermNeo; o seu derivado *hiperinflacionário/-a*, por sua vez, apresenta seis ocorrências na base.
- <sup>4</sup> Também designa um povo indígena e a família de línguas faladas por esse povo. Essa acepção não é considerada neológica e também está registrada em muitos dicionários, como os aqui analisados.
- <sup>5</sup> O prefixo *super-* ocorre já em vários vocábulos de origem latina, como *superar*, *superfície*, *superior*, *supérstite* etc., e em outros, de caráter erudito, semierudito ou mesmo popular (estes, postos em grande voga pela linguagem publicitária), introduzidos no português sobretudo a partir do Renascimento. Maurer Jr. salienta a produtividade de *super-* já na língua latina, tanto como preverbo, exprimindo ideia relativa a “tempo e lugar”, quer como prefixo nominal, manifestando, nesse caso, o significado de “preeminência”, “transcendência”. O filólogo enfatiza ainda o significado de “excesso”, observado nas línguas românicas (1951, p. 132).
- <sup>6</sup> Por meio do recurso chamado “conteúdo de outras fontes”, ao pesquisar *fake*, é possível acessar a definição apresentada na Wikipédia em português.
- <sup>7</sup> Informação extraída do *website* do dicionário (<https://www.dicio.com.br/sobre.html>).

## Dicionários

- [AUD] *Aulete Digital. Rio de Janeiro: Lexicon*. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- [DCB] *Dicio.com.br*, dicionário online de português (2024). 7Graus. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- [DIF] *Dicionário inFormal*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

- [NDA] Ferreira, A. B. de H. (1986). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. revista e ampliada. Nova Fronteira.
- [NDP] Figueiredo, C. de (1925). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Portugal-Brasil Sociedade Editora.
- [GDH] Houaiss, A. y Villar, M. de S. (2001). *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Objetiva. Disponível para assinantes em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 15 jun. 2024.
- [MDB] *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (2015). Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

## Referências

- Alves, I. M. (2007). O formante super- no português brasileiro: a supertrajetória de um prefixo. Em: L. Lopes Fávero, N. Barbosa Bastos, S. Cristina Marchesi (Orgs.), *Língua Portuguesa. Pesquisa e ensino* (pp. 51-62). Editora PUCSP EDUC.
- Bernal, E.; Freixa, J. e Torner, S. (2020). Criterios para la diccionarización de neologismos: de la teoría a la práctica. *Revista Signos*, 53 (104). [https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-09342020000300592&script=sci\\_arttext\\_plus&tlng=es](https://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-09342020000300592&script=sci_arttext_plus&tlng=es).
- Boulanger, J.-C. (1986). La néologie et l'aménagement linguistique du Québec. *Language Problems and Language Planning*, 10 (1). [https://boulanger.recherche.usherbrooke.ca/document-article-boulanger\\_1986a](https://boulanger.recherche.usherbrooke.ca/document-article-boulanger_1986a).
- Jacquet-Pfau, C. e Kacprzak, A. (2022). De quelques mots-témoins d'une pandémie: les représentations du Covid-19 en français et en polonais. *Repères DoRiF*, 25. <https://www.dorif.it/reperes/christine-jacquet-pfau-alicja-kacprzak-de-quelques-mots-temoins-dune-pandemie-les-representations-du-covid-19-en-francais-et-en-polonais/>.
- Sánchez Manzanares, C. (2013). Valor neológico y criterios lexicográficos para la sanción y censura de neologismos en el diccionario general. *Sintagma: revista de lingüística*, 25. <https://raco.cat/index.php/Sintagma/index>.
- Matoré, G. (1953). *La méthode en lexicologie*. Didier.
- Maurer Jr., T. H. (1951). A unidade da România Ocidental. *Boletim de Filologia Românica*, 126 (2).
- Rio-Torto, G. M. (1987). Estruturas léxicas de intensificação no português contemporâneo. En CONGRESSO SOBRE A SITUAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO, 2, Lisboa, 1983. *Actas*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. p. 87-113.